

## FEMINISMO

### A MULHER RURAL E A SUSTENTABILIDADE: UMA PERSPECTIVA FEMINISTA

MARIA EMILIA PEPEKA <sup>a</sup>

[mariaemiliapepeka@yahoo.com.br](mailto:mariaemiliapepeka@yahoo.com.br)

#### RESUMO

Actualmente há uma tendência solidária que procura unir as mulheres para uma causa que visa melhorar as suas vidas e a forma como o mundo deve olhar para elas. Esta corrente é designada de feminista. O feminismo é uma organização, na qual as mulheres fazem reivindicações para mudar o mundo e suas vidas. Em Angola, as mulheres representam a maioria da população nacional expressa em 52 % da qual 37.6 % ou 4.996.610 reside no espaço rural distribuídas em 25.289 localidades. Este trabalho reflecte sobre o modo de vida da mulher rural e a medida em como este compromete a sustentabilidade. Os resultados obtidos a partir da revisão da literatura indicam que, com o seu trabalho reprodutivo, a mulher rural produz riqueza não monetária, contribuindo para a satisfação das necessidades de suas famílias, de suas comunidades e da sociedade no geral e, ainda se confronta com o sistema matrilinear. Desta feita o direito à informação por via da formação é basilar para uma integração e participação consciente no movimento reivindicativo.

**Palavras-chave:** feminismo, mulher rural, sustentabilidade

---

<sup>a</sup> Docente do Departamento de Ensino e Investigação de Ciências da Natureza no Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) Huambo.

## 1. Introdução

### 1.1 Conceito

... ELE OS CRIOU HOMEM E MULHER<sup>1</sup>

No decurso das relações de género, os indivíduos assumem posturas díspares sujeitas a interpretações. A análise destes comportamentos e atitudes individuais ou colectivos relativamente ao outro podem enquadrar-se num paradigma, num conceito, num sistema ou ainda num movimento. O feminismo é uma organização, um movimento no qual, segundo Caregatti et al.,<sup>2</sup> *as mulheres fazem reivindicações para mudar o mundo e suas vidas. Juntando-se aos autores precedentes* substancia as reivindicações e cita as formas de opressão exercidas sobre as mulheres das quais a igualdade entre os géneros é a mais proeminente, por sinal bastante plural e diverso e, por isso abrangente, atingindo diferentes áreas do conhecimento<sup>3</sup> Está no cerne da questão a reivindicação de um direito, o da igualdade social pois a biológica tem outros contornos e os textos Bíblicos amenizam tal facto em Génesis “*Assim Deus criou os seres humanos. Ele os criou parecidos com Deus. Ele os criou homem e mulher.*”

A desigualdade é uma construção social. Onde houver homens irão existir em maior ou menor proporção diferenças adjectivas que caracterizam a desigualdade. Pode-se dizer que resulta muito da interpretação, do conhecimento e da visão humana. Por isso até é subjectiva. No que diz respeito à mulher, Frias, diz que apesar da antiguidade a desigualdade social ainda está em construção; portanto vai alternado e actualizando-se com o passar do tempo<sup>4</sup>. O mesmo pensamento é partilhado por Fromm<sup>5</sup>, para o qual a sujeição em si é milenar, exploratória e vexatória mas a relativa a mulheres pelos homens começou apenas há cerca de seis mil anos em várias partes do mundo. Apesar da longevidade temporal o reconhecimento do feminismo como organização das mulheres reivindicando direitos e igualdade só acontece a partir de 1850<sup>6, 7</sup>.

Exemplos de movimentos feministas em África estão relacionados com Mulheres Fon de Daomé – guardas presidenciais do reino de Daomé em Benim que tinham poder económico, político e espiritual ou as rainhas Makeda da Etiópia (Rainha de Sabá) e Mnkabayi de Zululand (África do Sul e

<sup>1</sup> Cf. Gn.1, 27.

<sup>2</sup> Cf. Caregatti, A., Lopes, B., Provazi, B., Nobre, M., Faria, N., & Moreno Renata. *Feminismo em marcha para mudar o mundo: Trajetórias, Alternativas e Práticas das Mulheres em Movimento*. In *Autonomia Económica das Mulheres: Práticas e Processos de Troca de Experiências*. 2015, p., 90.

<sup>3</sup> Blogueiras feministas Marchas das Vadias 2014. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2014/05/marchas-das-vadias-2014/>

<sup>4</sup> Frias, L. de M. P. S. *A mulher e as “raízes” da desigualdade na formação da sociedade Brasileira*, 2013.

<sup>5</sup> Fromm 2011, p.,186, *apud* Hogemann, E. R., & Araújo, L. M. A superação do poder patriarcal como demarcador das relações familiares - Família - Âmbito Jurídico, 2015.

<sup>6</sup> Cf. Caregatti et al., *Opus. Cit.*, p., 9.

<sup>7</sup> Régia, Ana Toni, Mara; Grossi, Marina; Corral, Thais e Di Croce, Sandra Mulheres e Sustentabilidade Women and Sustainability Editores: Gabriela Litre e José Augusto Drummond

Zimbabwe), mulheres que utilizaram os seus poderes reais para lutar por justiça para o seu povo<sup>8</sup>. Na mesma perspectiva citam-se em Angola nomes de Nzinga Mbandi, Kimpa Vita e Deolinda Rodrigues que fizeram eco no seu tempo e se emanciparam. Está patente a ligação da mulher com o poder político só alcançável com o exercício do regime do matriarcado descrito pela primeira vez por Bernatzik em 1933, relativamente às mulheres da ilha de Orango Grande em Bijagó. Segundo este autor, por via deste regime as mulheres exerciam a autoridade política que também teria um grande protagonismo na vida social e familiar pois, conferiam-lhes o direito de escolha dos maridos, podiam optar por um possível divórcio, e ser chefes da linhagem e responsáveis pela manutenção da vida doméstica. Este sistema é extensivo para todo o continente africano na visão de Amadiume<sup>9</sup>.

Muito recentemente duas jovens cultas (Sizaltina Cutaia e Áurea Mouzinho), defensoras dos direitos da mulher no país, decidiram criar um observatório de e para mulheres<sup>10</sup>. Certamente esta iniciativa subsidiou-se da Lei 25/11 de 14 de Junho criada pela Assembleia Nacional contra a violência doméstica, uma expressão da Constituição da República de Angola adoptada em 2010 define, no seu Artigo 21 (alíneas k e h), ser tarefa fundamental do Estado Angolano “promover a igualdade entre o homem e a mulher” e “promover a igualdade de direitos e de oportunidades sem discriminação [...] de sexo”, e o artigo 23º nº 1 consagra que ninguém pode ser prejudicado, privilegiado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão (entre outros) do sexo<sup>11</sup>”.

Nesta pesquisa pretende-se fazer uma reflexão sobre a mulher rural especificamente sobre os direitos historicamente adquiridos que incidem consideravelmente no seu modo *vivendis* e o modo como comprometem a sustentabilidade. Assim depois desta visão geral que se tem sobre o feminismo apresentada na parte introdutória, procura-se em primeiro lugar situar a mulher rural no tempo e no espaço evocando o legado sublime que tem o matriarcado segundo o pensamento de renomados antropólogos. Em seguida triangular esta informação com o conceito sustentabilidade e por fim apresentar algumas considerações.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1 Caracterização da Mulher

A população é o elemento base duma economia e duma sociedade. Como se reconhece é, há um tempo, ponto de partida e de chegada do desenvolvimento. Angola tem este potencial

<sup>8</sup> Mouzinho, A. *Reivindicando o espaço para nos chamarmos Feministas Africanas* — Ondjango Feminista, 2017.

<sup>9</sup> Ifi Amadiume, *Reinventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture* (London: Zed Books, 1997, 214 pp., £14.95 pbk.). Stephen Howe, *Afrocentrism: Mythical Past and Imagined Homes*. (London: Verso, 1998, 337 pp., 22.00 USD hbk.)

<sup>10</sup> Mussango, L. *ONDJANGO FEMINISTA O CENTRO DA EMANCIPAÇÃO E DESALIENAÇÃO FEMININA* \_ Jovens da Banda, 2016.

<sup>11</sup> Minsitério da Família e Promoção da Mulher. *Relatório Analítico de Genero de Angola*, 2017.

maioritariamente jovem oscilando entre os 25 anos, com uma tendência a crescer dado a alta taxa de fecundidade na ordem dos 5.1<sup>12</sup>. Isto se reflecte na passagem de 16,1 milhões de habitantes segundo dados do PNUD<sup>13</sup> para 25.789.024 habitantes conforme os resultados do Censo 2014, dos quais cerca de 52% correspondendo a 13.289.983 indivíduos, são mulheres. Logo as mulheres representam a maioria da população nacional e, quanto à sua distribuição geográfica 37.6 % ou 4.996.610 dos 52 % desta população feminina, reside no espaço rural distribuídas em 25.289 localidades rurais, comparativamente a 2.352 localidades urbanas<sup>14,15</sup>. Desta feita é consensual o facto de que a população Angolana é predominantemente rural<sup>16</sup>, caracterizada em linhas gerais, por indicadores desfavoráveis com limitadas condições básicas de vida, elevados índices de pobreza na ordem dos 68% e de analfabetismo expressos em 46% para os homens e 66% para as mulheres<sup>17</sup>.

Piscitelli *et al.*,<sup>18</sup> advogam que o termo mulheres é um sujeito político colectivo e, considera ser importante pois esta dimensão permite que não só conheçam seus direitos, como também suas responsabilidades, desfrutando do seu status como cidadãs. Mas para Grant<sup>19</sup> o termo mulheres tem raízes na ideia do feminismo radical segundo a qual, elas são oprimidas pelo facto de serem mulheres, pela sua womanhood. Nessa linha de pensamento, a categoria "mulher" é pensada não só em atenção aos traços biológicos, mas também aos aspectos socialmente construídos e é pré-condição necessária para a permanência da opressão patriarcal. Partindo deste pressuposto, ao considerar o feminismo como uma organização social, Beauvoir<sup>20</sup> assume que o significado da diferença biológica da mulher, deve ser visto à luz de um contexto ontológico, económico, social e psicológico. Nesta perspectiva, quando estamos na presença da mulher rural em Angola-África há que recuar para o contexto do continente e nas formas retratadas por autoras e autores como Scholl<sup>21</sup>, Bibi Bakare-Yusuf<sup>22</sup>, Oyèwúmi<sup>23</sup>, e Van Sertima<sup>24</sup>, protagonistas do sistema de dualidade sexual que associam este sistema com formas complementares de poder nas actividades e papéis de mulheres e homens. Estes paralelos

<sup>12</sup> UCAN (Universidade Católica). *Relatório Social de Angola*, 2012. p.,153.

<sup>13</sup> PNUD de 2008, *apud* Carvalho, M., & Silva, E. *Educação em Angola e (des)igualdades de género: quando a tradição cultural é factor de exclusão*. X Congresso Internacional Galego-Português de Psicologia, 2009, pp., 2401–2416.

<sup>14</sup> Cf. MINFAMU. *Opus Cit.*,

<sup>15</sup> INEA. Angola publica resultados definitivos do Censo Geral da População e Habitação. 23 March 2016.

<sup>16</sup> Cf. Angop. *Angola População angolana atinge 25 milhões de habitantes, segundo dados definitivos do censo - Sociedade - Angola Press - ANGOP*, 2016.

<sup>17</sup> Cf. Valente, M. I. de O. *A situação da mulher em Angola*, 2001., pp., 1–13.

<sup>18</sup> Cf. Piscitelli, A., Pacheco, A. C. L., Miskolci, R., Guerra, V., Grosz, E., Grosz, E., ... Lourdes Maria e ALMEIDA, T. M. C. B. *Re-criando a (categoria) mulher? Afro-Ásia*, VII(14), 2002, pp., 153–188. DOI.org/10.1017/CBO9781107415324.004

<sup>19</sup> Grant (*apud*) *Ibid.*

<sup>20</sup> Cf. Beauvoir *apud* Bibi Bakare-Yusuf. *Além Do Determinismo: a Fenomenologia Da Existência Feminina Africana*, 2003, pp., 1–17.

<sup>21</sup> Scholl, C. J. *Matriarcado e África: a produção de um discurso por intelectuais africanos\_ Cheikh Anta Diop e Ifi Amadiume*, 2016.

<sup>22</sup> Cf. *Opus. Cit.*,

<sup>23</sup> Oyèwúmi, O. *Laços Familiares/Ligações Conceituais: Notas Africanas Sobre Epistemologias Feministas*, 25(4), 2000, pp., 1093–1098.

<sup>24</sup> Van Sertima, I. *Mulheres Pretas Na Antiguidade*. New Jersey, 1984.

frequentemente envolvem rituais, estruturas monárquicas, determinações etárias, sociedades secretas e associações para os dois sexos. Por exemplo, entre os Igbo, as mulheres agricultoras crescem em diferentes culturas de homens e, entre os Yorùbá, tecelões femininas e masculinos trabalham em diferentes teares para evitar a duplicação Sudarkasa, Nzegwu<sup>25</sup>

O regime do matriarcado propriamente dito, se caracteriza pela colaboração e desenvolvimento pleno e harmonioso dos dois sexos, apresentando uma certa preponderância da mulher na sociedade devido às condições económicas de origem que, de todas as maneiras, é aceite e inclusive defendida pelos homens<sup>26</sup>.

Na opinião de Scholl, alguns casos das organizações sociais africanas o sexo não está relacionado directamente ao género. Por isso, quando se referia ao matriarcado dizia que este está relacionado à mulher-mãe e não ao género com base no pensamento de Morgan 1887 e Engels (1884/1970) que conceberam o matriarcado como forma primordial de organização social de grupos humanos, isto é, no estágio primitivo da sociedade. Diop contestado algumas vezes afirma ser a primeira organização social em África provida da família, e a unidade mais básica da sociedade.

A família matriarcal africana se caracteriza pela emancipação da mulher na vida doméstica, pela xenofilia, pelo cosmopolitismo, por uma espécie de colectivismo social, solidariedade material de direito para cada indivíduo, de forma que também tem valores sociais dele decorrentes que são o ideal de paz, justiça, bondade, optimismo que elimina qualquer noção de culpa ou pecado original nas criações religiosas ou metafísicas<sup>27</sup>.

Segundo o autor o matriarcado negro está tão vivo na actualidade como na antiguidade e nas regiões onde não sofreu nenhuma influência externa, é a mulher que transmite integralmente o direito político. Este juízo é enfatizado por Amadiume<sup>28</sup>, uma activista feminista que teria dito em 1997

*“Nós já temos a nossa história e um legado de uma cultura de mulheres - um matriarcado baseado nas relações afectivas - isto deve ter um lugar central na análise e pesquisa social”<sup>29</sup>*

## 2.2 A Mulher no Meio Rural

A actividade da mulher no meio rural pode ser analisada sob três dimensões: no campo, em casa e na comunidade.

No campo a labuta adstrita à mulher é resultado da divisão social do trabalho que estabelece, no contexto da agricultura familiar, exclusividades, cabendo ao homem desenvolver serviços que

<sup>25</sup> *Apud* Bibi Bakare-Yusuf. *Opus Cit.*

<sup>26</sup> Cf. Diop, 2016. *Apud* Scholl, *Opus Cit.*

<sup>27</sup> *Ibid.*

<sup>28</sup> Cf. Ifi Amadiume... *Opus Cit.*

<sup>29</sup> *Idem.*, p., 23

requerem maior força física, tais como lavrar, cortar lenha, fazer curvas de nível, derrubar árvores, fazer cerca, usar a maquinaria agrícola mais sofisticada, como o tractor. À mulher, de um modo geral, compete executar actividades mais rotineiras, ligadas à casa ou ao serviço agrícola, como as de carácter mais leve<sup>30</sup>, <sup>31</sup> Brumer e Freire (apud BRUMER, A. 2004, p.211). Isto na experiência do Brasil onde as mulheres desenvolvem em seus quintais o trabalho relacionado com o cuidado de pequenos animais e do cultivo de hortas consideradas como extensão do trabalho doméstico<sup>31</sup> para o qual Mariano<sup>32</sup>, apela para a sua valorização tendo em conta o auto consumo. Quanto a Angola, o trabalho da mulher vai muito além destas actividades. Ela participa da lavoura paralelamente com o homem tanto que também desbrava terras virgens (osenda). Em algumas situações tem uma lavra em separado mas há sempre uma lavra comum, a familiar onde até é testada a sua resistência ao trabalho. Acresce, após a labuta do campo a recolha de lenha que leva a casa para o preparo dos alimentos. Raramente a mulher regressa à casa de mãos vazias. De forma coordenada utiliza o seu tempo para as chamadas actividades complementares de ajuda e portanto não reconhecidos como: recolha de frutos silvestres, de lenha e de cogumelos quando o período é favorável em conformidade com Nobre et al.,<sup>33</sup> para o qual ela perde um tempo incontável deixando a sensação de que duplica quando não triplica as horas do dia para satisfazer as necessidades da sua família. Por isso, Schaaf<sup>34</sup>, entende que as reivindicações das mulheres tocam no bojo dessa questão e remete para o pensamento de Chowdhury et al.,<sup>35</sup> que reconhece a acção social em massa das mulheres nos países em desenvolvimento e mostra, além do seu poder como uma força mobilizadora, as dificuldades profundas que as sociedades enfrentam para organizar as actividades reprodutivas, domésticas, produtivas, comunais e políticas de forma igualitária para homens e mulheres, cabendo ao Estado a garantia da sobrevivência da família. Valente<sup>36</sup> aponta como constrangimentos para a mulher rural angolana o fraco nível de escolaridade condicionante da assimilação das inovações tecnológicas, especialmente na agricultura, a posse e controlo dos recursos produtivos, normalmente pertença dos homens, coarctando-lhe qualquer

<sup>30</sup> Schaaf, A. Van Der. *Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de género no Rio Grande do Sul. Sociologias*, (10), 2003, pp., 412–442. <http://doi.org/10.1590/S1517-45222003000200014>.

<sup>31</sup> Cf. Brumer, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Gender and agriculture: the situation of women in agriculture in the state of Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rev. Estud. Fem. Vol.12 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2004.* <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>. *Revista Estudos Feministas*.

<sup>31</sup> Cf. Caregatti et al., *Opus. Cit.*

<sup>32</sup> Mariano, Silvana Aparecida; Carloto, Cássia Maria (2013) Aspectos diferenciais da inserção de mulheres negras no Programa Bolsa Família. ISSN 0102-6992 Soc. estado. vol.28 no.2 Brasília May/Aug. 2013 <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922013000200011>.

<sup>33</sup> Nobre, M. N. P., Miguel, M. M., Moreno, R., & Freitas, T. V. de. *Economia feminista e soberania alimentar. Avanços e desafios*, s.d., p., 33. SOF.

<sup>34</sup> Cf. Schaaf. *Opus. Cit.*

<sup>35</sup> Chowdhury, N.; Nelson, B.; Carver, K. Redefining politics; patterns of women's political engagement from global perspectives. In Nelson, B.; Chowdhury, N. (Ed). *Women an politics worldwide*. New Haven: Yale UniversitY Press. 1984, p. 3-24

<sup>36</sup> Cf. *Opus Cit.*

possibilidade de per si tomar as decisões, no domínio social ou produtivo, adiando as suas possibilidades de acesso ao crédito que se agrava com a redução acentuada da oferta de empregos nas áreas rurais.

A desigualdade no acesso à terra que se explica por factores culturais<sup>37</sup> não é exclusiva em África. Nobre *et al.*,<sup>38</sup> revela que na Itália as mulheres abdicam o casamento para terem direito a herança da terra e nem por isso ficam com a melhor proporção da terra e ainda assim é sempre inferior a dos homens. Nem a separação por morte nos casos de Angola é garantia de permanência da mulher na terra, restando para ela uma alternativa de voltar a acampar e permanecer na luta pelo acesso à terra<sup>39, 40</sup>.

### 2.3 A Mulher e a Família

A mulher é a provedora da família, tanto biologicamente quanto no seu sustento, pois é a mulher quem decide e operacionaliza a produção de alimentos e sua distribuição. Segundo Scholl<sup>41</sup>, nesta produção de alimentos garantida pela mãe, estabelece-se uma relação profunda entre a unidade e as relações de produção, que se exprimem no acto do consumo pois, ao comerem na mesma tigela, ou seja, ao alimentarem-se dos insumos produzidos dentro de uma unidade de produção familiar, compartilham o espírito que emana da maternidade. Entretanto este trabalho doméstico e o de cuidados que por ser feito pela mulher dona de casa não é pago, não é reconhecido pela sociedade pois não gera produto que possa ser vendido, afirma Mariano<sup>42</sup>. É, na opinião do autor, invisível já que tanto o cultivo da terra como a criação de animais domésticos são considerados trabalho de mercado e servem para o autossustento e os estudos da economia desvelam a importância de que se reveste este trabalho para o funcionamento do mercado e a vida<sup>43</sup>.

Por meio do trabalho, as mulheres africanas falam muito e o mais importante ainda é que elas sabem o que querem e o que quer o colectivo de mulheres, sempre baseado nos valores de uma solidariedade feminina para o que tem, como exemplo, as matriarcas que são as mulheres líderes das famílias dentro de grupos africanos tradicionais<sup>44</sup> e, citando Amadiume<sup>45</sup> uma feminista que defende as mulheres nativas e dá visibilidade a actividade de mulheres que vivem nas sociedades tradicionais, enaltece o quanto são importantes para as dinâmicas sociais e para as decisões tomadas pela comunidade. Por

<sup>37</sup> Cf. Caregatti et al., *Opus Cit.*, p., 27

<sup>38</sup> Cf. *Opus Cit.*

<sup>39</sup> Cf. Fernandes, I. L. C. *A Realidade das Mulheres Rurais na Luta pela Reforma Agrária : Ação The Reality of the Agricultural Women in the Fight for the Agrarian Reformation : Action x Anonymity*, 4(3), 2009, pp., 3–10.

<sup>40</sup> Cf. Marion, A. A., & Bona, A. N. *A importância da mulher na agricultura familiar*, 2016.

<sup>41</sup> Cf. *Opus Cit.*

<sup>42</sup> Cf. Mariano... *Opus Cit.*

<sup>43</sup> *Idem.*

<sup>44</sup> *Idem.*

<sup>45</sup> Cf. Ifi Amadiume... *Opus Cit.*



isso o trabalho doméstico e de cuidados garante a vida, o bem-estar e a produtividade das trabalhadoras e dos trabalhadores. Portanto, um não sobrevive sem o outro e uma sociedade que não valoriza o trabalho doméstico e de cuidados nunca conseguirá respeitar as suas mulheres assevera Mariano<sup>46</sup>.

A posição da mulher esposa na sociedade, se define pelo seu papel de mãe e seu poder emana das tarefas que sustentam materialmente a unidade familiar, ou seja, a unidade matricêntrica. Esta unidade se define dentro do âmbito doméstico e se projecta na comunidade através das organizações de mulheres<sup>47</sup>. Oyèwúmi<sup>48</sup>, declara que o laço mais importante está dentro do fluxo da mãe, e estes laços que ligam a mãe aos filhos são concebidos como naturais e inquebrantáveis e na mesma linha Bibi Bakare-Yusuf<sup>49</sup>, afirma que o modelo de maternidade é absolutamente natural porque ele se liga às mulheres, juntas na experiência colectiva. Desta feita a mulher como mãe é vista como uma forma de realização do aspecto gerador da sociedade, e é equiparada com a própria força da vida Steady<sup>50</sup>. Por isso o desaparecimento da esposa nuclear pode não ser lamentável. Pelo contrário, sua morte pode limpar o caminho para as mulheres serem o que querem ser<sup>51</sup>.

## 2.4 A MULHER RURAL E A SUSTENTABILIDADE

Sem as mulheres, a vida é impossível. São elas que, até aqui, têm garantido a sobrevivência da vida. Quando se faz referência ao cuidado está-se a falar dos serviços que as mulheres prestam à família e à comunidade tratando das crianças e dos jovens, que serão os futuros trabalhadores, das trabalhadoras e trabalhadores adultos que precisam de repor as energias quando voltam à casa, dos que trabalharam, envelheceram e estão aposentados enfim, mandar para o trabalho de mercado um batalhão de pessoas descansadas, alimentadas e com roupas limpas sem as quais as construtoras, as lojas as feiras e outras instituições não podem funcionar. Por esta, percebe-se que sem o trabalho doméstico e de cuidados, as empresas não teriam à disposição trabalhadoras e trabalhadores saudáveis, emocionalmente estáveis e produtivos<sup>52</sup>. E isto é sustentabilidade na sua dimensão social. É, no nosso entendimento, garantia de continuidade pois é este trabalho prévio realizado pelas mulheres que sustem, serve de base a realização de inúmeras e diversas actividades.

Caregatti *et al.*,<sup>53</sup> estabelecem um paralelismo entre a sustentabilidade da vida das mulheres e a sustentabilidade ambiental já que a subordinação da natureza à lógica da exploração do mercado

---

<sup>46</sup> Cf. Mariano... Opus Cit.

<sup>47</sup> Cf. *Opus Cit.*

<sup>48</sup> Cf. *Opus Cit.*

<sup>49</sup> Cf. *Opus Cit.*

<sup>50</sup> Cf. Steady, *apud* Bibi Bakare-Yusuf. Opus Cit.,

<sup>51</sup> Cf. Oyèwúmi. *Opus Cit.*,

<sup>52</sup> Cf. Mariano... Opus Cit.

<sup>53</sup> Cf. *Opus Cit.*, p., 25.



encontra paralelo na subordinação destas. Do mesmo jeito que erradamente se pensa que a natureza é inesgotável também o tempo e o trabalho das mulheres são vistos como recursos inesgotáveis. A sustentabilidade na visão feminista remete a este raciocínio. Defende a vida humana como fio condutor de um novo paradigma, que deve se basear em uma relação dinâmica e harmónica entre a humanidade e a natureza e entre os seres humanos. Para o efeito se torna necessário ressignificar e ampliar o conceito de trabalho, reconhecer o trabalho quotidiano das mulheres e estabelecer outro equilíbrio entre as tarefas de produção e reprodução, onde estas últimas sejam compartilhadas também com os homens e com o Estado. Por outras palavras é preciso reconhecer que as mulheres também precisam de receber cuidados do mesmo modo que as crianças, os jovens e os idosos. O cuidado que se dá às mulheres passa, de forma contextualizada, pela melhoria das condições de vida e de trabalho tornando-as menos desgastantes. No caso das mulheres no meio rural a ajuda pode até substanciar-se em pequenas acções como a garantia do acesso à água, a sementes, ao intercâmbio de matrizes de pequenos animais, formular programas e políticas de socialização do trabalho doméstico e de cuidados que atendam às demandas e à realidade do campo<sup>54</sup>. Ao lidar com as questões do presente, colocam-se no horizonte o ideal de sociedade na qual queremos viver<sup>55</sup>.

### 3. Considerações Finais

O discurso feminista está enraizado no núcleo familiar e esta organização social constitui o próprio fundamento da teoria feminista e um veículo para a articulação de valores como a necessidade de acoplamento e da primazia da conjugalidade na vida familiar. O feminismo não prega ódio, não prega a dominação das mulheres sobre os homens, clama por igualdade, pelo fim da dominação de um género sobre outro, é uma luta por direitos iguais. Em África o feminismo abarca demandas e activismos de mulheres de diferentes classes, religiões e posicionamentos políticos, porém, para além das pautas diferentes, uma pauta em comum é a assimetria de género que é causada pelo desenvolvimento desigual, o que o torna singular e importante. Em Angola, vivencia-se o sistema matrilinear onde cada indivíduo pertence à família da mãe, o que significa que o homem não pode transmitir os seus bens e os seus títulos honoríficos a seus filhos mas sim aos varões mais próximos da linha materna, designadamente tio ou primo<sup>56</sup>. É também uma desigualdade. Por isso, através das diferentes abordagens feministas e suas metodologias, a abordagem feminista multicultural contextualizada pode ser a mais apropriada para responder algumas questões sobre o modo como as

---

<sup>54</sup> Cf. Mariano... Opus Cit.

<sup>55</sup> Cf. *Opus Cit.*

<sup>56</sup> CF. Pires, C. da S. A. *Família, parentesco e casamento. Assimetrias espaciais e temporais*, XIII, 2000, pp., 617–639.

mulheres constroem sua forma de pensar no nosso mundo pós-colonial<sup>57</sup>. Para o efeito Angola socorre-se da igualdade dos direitos e deveres consagrados na Constituição Angolana, prevendo igualmente a punição para a discriminação e privilégios com base no género (sexo) e dos principais instrumentos em prol da advocacia e cumprimento dos direitos e desenvolvimento humano da mulher e da menina, os quais adoptou internamente e complementou com iniciativas nacionais.

---

<sup>57</sup> Cerchiaro D. M. ; Ayrosa, E. a. T., I. B. ; Z. *A aplicação de abordagens feministas na pesquisa em administração. Cadernos EBAPE.BR (FGV)*, 2009. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-39512009000400009>\n16793951